

Apostasias

IGNÁCIO M. RANGEL

As revoluções não são como desfiles de unidades militares, em campo de parada, seguindo uma trajetória rigorosamente pré-determinada, com cada pelotão ocupando sua posição pré-estabelecida. Os avanços e recuos inesperados estão na ordem natural das coisas. Assim como as apostasias, fenômenos que surgem quando a revolução está virtualmente vitoriosa, não podendo mais ser desafiada com êxito por nenhuma força externa a ela, o que a deixa exposta aos ataques intestinos, de forças que, participando do dinamismo revolucionário, encarnam um perigo inesperado.

A "revolução cristã", esse movimento que, devidamente remodelado, levou o precoce feudalismo judaico — de uma área periférica da sociedade humana universal da época — para o centro dinâmico dessa mesma sociedade, ao abrir-se o século 4 da Nossa Era (ano 303), havia passado por uma terrível prova de fogo. Refiro-me à Décima (e última) "perseguição", também cognominada de "Era dos Mártires". Tão exaustiva e completa que, depois dela, predominou a idéia de que o cristianismo eram águas passadas.

Na verdade, ele apenas voltara às conhecidas catacumbas e, nove anos mais tarde, com a Batalha de Ponte Milvia, emergia como a força hegemônica do Império — vale dizer, da sociedade universal da época. O general Constantino — contam a história e a lenda — sentindo-se em dificuldades, frente às tropas de Maxêncio, declarou haver visto no céu uma cruz de fogo, cercada com os dizeres: "In hoc signo vinces", isto é, "com este sinal vencerás". Os inebriados diriam hoje que esse foi um hábil ardid de "comunicação", mas o fato é que os soldados, discretamente fiéis aos cristianismo, entenderam a mensagem e, com sua bravura, deram a vitória e a púrpura imperial a Constantino (ano 312).

No ano seguinte (313) Constantino pagava a ajuda recebida, através do Édito de Milão, que conferia a "legalidade" — como hoje diríamos, — ao cristianismo. Passados mais doze anos (325), o Concílio de Nicéia nos daria o notório "Credo", que aprendemos em criança, ainda hoje. Estava vitoriosa a Revolução Cristã, que consubstanciava a hegemonia universal do feudalismo, por muitos séculos.

Mas eis que, passados alguns



decênios — meio século depois de Ponte Milvia — sobe ao sôlio imperial um sobrinho de Constantino, neto de Santa Helena, o birliante General Juliano. Este, educado na tradição helênica pré-cristã — a esse título discípulo de Alexandre, com alguns séculos de permissão, por ter sido educado pelos "filósofos" sucessores de Aristóteles — desrespeitava o bronco cristianismo de sua avó e do seu tio, empreendendo a restauração da mitologia helênica, portadora da herança clássica.

Essa herança clássica era apenas a sobrevivência imperecível do escravismo — o regime que precedera o feudalismo e que, como tal, estava irremissivelmente perempto. O general Juliano não soube fazer a diferença entre as duas coisas, e, depois de um império de apenas 16 meses, passaria à história com o cognome de "O Apóstata", ao morrer numa obscura batalha contra os mesmos persas que seu "condiscípulo" Alexandre havia derrotado tão brilhantemente em Granico. Isso e Arbela. Essa mesma Arbela que Hitler tentou sem êxito imitar em Stalingrado — e que Stalin, desta vez com êxito, conseguiria imitar em Kursk.

Isso é a história (ou "estória") antiga. Mas a Juliano não faltaram emulores. Mesmo em nossos dias a temos esse singular Gorbachev, que, guiado ao "solio" pelo socialismo, chamou a si a tarefa de, por metódica sabotagem do regime que herdou, tentar demolir sua herança. Aqui o que o capitalismo, como força

externa ao socialismo, obviamente não pode mais fazer, será feito, quem sabe, por um bem calculada apostasia.

A perestroika gorbacheviana introduz na luta contra o socialismo uma componente nova, tomada ao próprio socialismo. Refiro-me ao planejamento, sem o qual nunca poderíamos levar ao esfoqueamento uma economia que, só de cereais — ao que nos diz a imprensa capitalista — produziu este ano 240 milhões de toneladas. Nem conferir importância a uma "esmola" de 35 mil toneladas, que o capitalismo derrotado oferece como ajuda aos apóstatas socialistas. Afinal, 35 mil toneladas, são apenas 1,46% de 1% de 240 milhões de toneladas, e a produção doméstica corresponde a 657,5 mil toneladas por dia. Ou 27,400 toneladas por hora. Vale dizer, a esmola para a qual o Sr. Gorbachev estende a mão, tão gulosamente, como meio de reforçar sua autoridade interna, corresponde ao consumo de 77 minutos por ano.

Ora, não seria com os métodos pré-socialistas — vale dizer anteriores ao planejamento econômico — que se chegaria a tão implausível resultado, de pretender que 35 mil toneladas de cereais podem ter alguma significação para tirar da fome um povo que produz anualmente 5.857 vezes mais do que isso.

Entretanto, Juliano está muito longe, no tempo, enquanto Gorbachev está também muito longe, no espaço. E temos, aqui mesmo, uma óbvia apostasia a

estudar. Refiro-me ao "planejamento colorido". Rememorem seus antecedentes:

Em 1930, o Brasil partia para uma Revolução, cujo conteúdo somente aos poucos iriam penetrando. Dela participei, como um adolescente de 16 anos pode participar, isto é de armas nas mãos, para sob o comando supremo de Getúlio Vargas — e sob o comando próximo de meu pai — promover a revolução democrática-burguesa, como depois o marxismo me ensinaria, via industrialização substitutiva de importações, como depois aprenderia da Cepal.

O capitalismo industrial, assim construído, prepararia o terreno para a passagem ao estágio supremo do capitalismo — o capitalismo financeiro. E este, como escola maternal do planejamento, deve preparar a passagem ao socialismo — o que já é outra história. De imediato, o que importa é que essa revolução vitoriosa deve ser preservada contra as tentativas de retorno ao passado pré-industrial, pretensamente identificada com uma impossível competição perfeita.

Como as anteriores revoluções vitoriosas, esta já não pode ser atacada com êxito — como o cristianismo, no século 4, e como o socialismo, no decênio final do século 20, por forças estranhas a nossa própria revolução industrial. Não é acidental que as forças sociais decisivas da sociedade saída da revolução industrial — o empresariado e proletariado industriais — resistam tão energicamente a esse pacto social que lhe querem impor, que os subordine a um retrógrado "Plano Brasil Novo", orientado para um absurdo combate à inflação pela recessão; para uma reintegração do Brasil no mercado mundial, via desmantelamento da nossas reservas institucionais de mercado, etc.

Estou convencido de que nossa apostasia participará da natureza da apostasia de Juliano, pelo menos num aspecto: por sua brevidade. É que, como esta — e como a gorbacheviana — rema contra a maré de um processo vitorioso e irreversível. Nem as classes oprimidas, nem as dirigentes podem aceitá-la. Para as primeiras, reserva o desemprego e, para as últimas, a insolvência e a falência.

IGNÁCIO M. RANGEL, 76, economista, é autor do livro "A Inflação Brasileira". Foi presidente do Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro.